

AO DOMINGO

## Que balanço faz dos dois mandatos do presidente Cavaco Silva?



**Clara Almeida Santos**  
Vice-reitora da Universidade de Coimbra

“ Já se conhece o quadro que vai perpetuar no Museu da Presidência da República a passagem de Cavaco Silva pelo Palácio de Belém. Ficarão depois de um Ramalho Eanes representado por Luís Pinto Coelho, de Mário Soares interpretado por Júlio Pomar e da visão de Paula Rego sobre Jorge Sampaio. A escolha dos artistas diz também algo sobre o retratado.

Alguns temiam, há dez anos, uma atuação que presidencializasse o sistema de governo. Passou muita coisa, de Sócrates à troika, e Cavaco foi, afinal, acusado de ser demasiado institucionalista.

Há um trajeto complexo, de uma personagem redonda, desde as ruas de Boliqueime até à tela de Barahona Possollo.☹☹



**Elisa Ferreira**  
Eurodeputada do PS

“ Talvez o balanço que faço agora venha a ser corrigido mais tarde, quando tivermos distanciamento suficiente relativamente a estes dois mandatos. Hoje, o balanço não é particularmente positivo, reconhecendo, no entanto, que as circunstâncias económicas e políticas em que o exercício deste lugar decorreu foram particularmente difíceis.

Houve momentos em que esperaria bastante mais de um presidente da República, em particular no momento da tomada de posse no segundo mandato, em que o discurso me pareceu particularmente inadequado.

O momento difícil que precedeu a rejeição do PEC IV e a consequente entrada da troika, foram alturas em que o papel do presidente da República deveria ter sido de tentar criar consensos. A perceção pública não foi essa.☹☹



**Sebastião Feyo de Azevedo**  
Reitor da Universidade do Porto

“ Faço um balanço negativo, na medida do balanço muito negativo que faço das governações desde 1996, em que intervieram muitos atores. O presidente Cavaco Silva começou o seu primeiro mandato em 2006, momento em que já era claro o crescimento galopante da nossa dívida pública, iniciado de forma marcante em 2000. Teve, pois, dois mandatos em tempos excepcionalmente difíceis que coincidiram com o eclodir de uma crise anunciada. Apontou várias vezes para a crise, mas não foi capaz, ou não teve meios, de inverter trajetórias. Penso que no último ano não tomou as melhores opções políticas. Esta história far-se-á com o tempo, mas a questão de fundo é outra: em todos estes anos o regime não conseguiu levar o país para uma cultura de políticas públicas com equilíbrio entre controlo de despesa e produtividade, de organização competitiva à escala internacional, de crescimento da economia, de controlo da corrupção. Sem crescimento e sem ética, não conseguimos promover justiça social.☹☹